

A prática como critério da verdade: Abordagem Triangular na interface da sala de aula

Elizabeth Milititsky Aguiar 

(Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS, Porto Alegre/RS, Brasil)

RESUMO — A prática como critério da verdade: Abordagem Triangular na interface da sala de aula — Este artigo objetiva apresentar o impacto da Abordagem Triangular no Ensino da Arte, sobre o trabalho das professoras da Rede Municipal de Ensino na região metropolitana de Porto Alegre (RS), a partir da fala de algumas delas. Participantes do Grupo de Pesquisa inicial do Projeto Arte na Escola, seguiram no Grupo de Reflexão do Projeto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, buscando qualificar sua prática pedagógica no ensino da Arte.

PALAVRAS-CHAVE

Abordagem Triangular. Projeto Arte na Escola. Prática docente em Arte.

ABSTRACT — Practice as a criterion of truth: Triangular Approach in the classroom interface

— This article aims to present the impact of the Triangular Approach in Art Education, on the work of teachers of the Municipal Education Network in the metropolitan region of Porto Alegre (RS), from the speech of some of them. Participants in the initial Research Group of the Art at School Project, followed the Project Reflection Group of the Federal University of Rio Grande do Sul, seeking to qualify their pedagogical practice in the Art Education.

KEYWORDS

Triangular Approach. Art at School Project. Teaching practice in Art.

RESUMEN — La práctica como criterio de verdad: Abordaje Triangular en la interfaz del aula

— Este artículo tiene como objetivo presentar el impacto del Abordaje Triangular en la Educación Artística, en el trabajo de docentes de la Red Municipal de Educación en la región metropolitana de Porto Alegre (RS), desde el discurso de algunas de ellas. Las participantes del Grupo de Investigación inicial del Proyecto Arte en la Escuela siguieron en el Grupo de Reflexión del Proyecto en la Universidad Federal de Rio Grande do Sul, buscando calificar su práctica pedagógica en la Educación Artística.

PALABRAS-CLAVE

Abordaje Triangular. Proyecto Arte en la Escuela. Práctica docente en el Arte.

Este escrito, apesar de seu título, não trata do campo da filosofia, da dialética materialista. Está focado na experiência por mim vivida, entre os anos 1992-1996, como Coordenadora do Grupo de Reflexão do Projeto Arte na Escola na Pró-reitora de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O Grupo de Reflexão teve sua gênese na pesquisa desenvolvida por Analice Pillar e Denyse Viera, cujos resultados estão publicados em *O vídeo e a metodologia triangular no ensino da Arte* (1992). O grupo de professoras, todas atuantes em escolas municipais de ensino fundamental de Porto Alegre, localizadas nas zonas pobres da periferia da cidade, foram pioneiras no uso de imagens móveis e, também, fixas em sala de aula, aventurando-se numa proposta ainda inédita nas escolas do Rio Grande do Sul, apresentada por Ana Mae Barbosa em *A imagem e o ensino da Arte* (1991). A publicação deste livro, onde está sistematizada a Abordagem Triangular, trouxe um forte impacto à massa crítica dos professores de arte brasileiros. Por um lado, veio ao encontro das inquietudes e frustrações destes professores de Arte, que tinham consciência da fragilidade das práticas curriculares, indicando respostas e caminhos. Por outro, encontrou forte resistência, suscitando críticas entre os “fundamentalistas do modernismo no Ensino da Arte”. O uso da imagem móvel era decorrência da criação e disponibilização de uma Videoteca, por parte da Fundação lochpe, voltada ao empréstimo do material para professores. Esta Videoteca ficou sediada no Prédio Central da Reitoria da UFRGS até ser transferida para a Biblioteca do Instituto de Artes.

Algumas convicções sedimentaram o trabalho do Grupo de Reflexão, que teve plena liberdade de ação. A primeira delas se fundamentava nas palavras de Marx: é na práxis que o ser humano tem de comprovar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno do seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não-realidade de um pensamento que se isola da práxis é uma questão puramente escolástica (MARX, 1982, p. 1-3). Assim, estava na prática, entendida como território da verdade, a essência do pensar e a expectativa de o

pensado materializar-se enquanto transformação efetiva da realidade do ensino da arte, orientando o processo.

A segunda, era a óbvia conexão da primeira com o pensamento de Paulo Freire, nosso mestre maior, para quem é precípua (que a práxis) seja uma ação “associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis” (FREIRE, 2013, p. 72), “é preciso, enfatizemos, que se entreguem à práxis libertadora” (FREIRE, 2013, p. 49), que se assuma o desafio da educação como prática de liberdade, ou seja, que se lute pela formação humana voltada para a certificação da liberdade, da humanidade, da capacidade de entender, de transformar e de criar.

Se o tempo é senhor da razão, é também elemento que atenua, enfraquece mesmo a memória. Falar de vivências que ocorreram há mais de 20 anos, debruçadas sobre uma proposta absolutamente nova e envolvendo diferentes professoras inseridas em diferentes realidades, é quase uma armadilha! Mais ainda, falar por estas professoras, emprestando a minha voz e percepção, me pareceu uma usurpação das vivências alheias. Encaminhei então, para quatro daquelas professoras, a proposta de escreverem um pequeno texto, ou mesmo que gravassem suas percepções sobre suas experiências no Arte na Escola, destacando as dificuldades e sucessos que tiveram, como a Abordagem Triangular afetou suas práticas docentes. Entrevistei outras duas pessoalmente. As demais enviaram seus depoimentos. São estes textos e respostas que usarei aqui.

Eliane Stahlberg¹ afirma:

Nossa formação acadêmica tinha seu foco nas diferentes técnicas de expressão plástica e no ensino dos períodos e artistas na História da Arte. Os primeiros anos do trabalho como professora seguia por esse caminho: a autoexpressão, a criatividade.

Quando recebemos o desafio de participar da pesquisa sobre o uso da imagem móvel nas escolas de Porto Alegre com o enfoque na Metodologia Triangular² surgiram muitas dúvidas e inseguranças sobre como adaptar nossa prática a essa visão de vanguarda.

Ao longo de todo o projeto, que se estendeu por mais dez anos de formação continuada, encontros de estudo, seminários nacionais e internacionais, formou-se um grupo que se apoiou e desafiou de forma intensa e contínua (mesmo depois do fim do Grupo de Reflexão na UFRGS).

O impacto desse trabalho no cotidiano da escola foi muito grande. Entender a Arte como área de conhecimento permite que professor e aluno ampliem seu olhar. Ler e interpretar textos e imagens, criar formas em múltiplas linguagens buscando descobrir possibilidades de expressar ideias, pensamentos, sentimentos e pontos de vista; buscar qualidade técnica na sua produção e compreender a criação e o momento histórico de artistas, movimentos, sociedades.

Os encontros do Grupo de Reflexão que tivemos, a partir do Projeto Arte na Escola, possibilitaram que desenvolvêssemos a confiança em avaliar constantemente nossa prática, compartilhar ideias, projetos, trocar experiências, compartilhar materiais visuais.

Isso nos mostrou a importância de uma educação continuada. De buscar aprofundar conhecimentos, buscar formas de criar materiais didáticos que fossem acessíveis, desafiadores e divertidos. O conhecimento deixa de ser algo sem sentido para preencher exercícios e questionários e passa a ser parte da vida cotidiana de estudantes e professores.

Apropriar-se dos espaços de cultura da cidade, olhar a vida da comunidade, entender o que faz da vida de cada um ser única. Nosso olhar enquanto professora foi sendo qualificado, criamos um acervo enorme de imagens fixas e móveis para compartilhar com os estudantes.

Os projetos propostos passaram a ter prazos maiores de realização, com etapas de pesquisa teórica, expressão do pensamento através de esboços e criação de um produto final consistente. A avaliação passou a ser dialogada com os estudantes. Os projetos realizados pelos alunos foram adquirindo qualidade plástica e técnica a partir do contato com obras e criações de artistas, povos, sociedades.

Meu trabalho na rede municipal de ensino me faz pensar que podemos ter um ensino com excelência se o espaço para formação e avaliação constante for uma prática e um projeto da administração pública.

O depoimento da Professora Eliane aponta para o distanciamento que nossos cursos de formação tinham com a realidade escolar. Nossa formação centrada nas práticas artísticas em diferentes ateliês, que não encontrávamos nas escolas; a ausência de materiais semelhantes aos por nós utilizados até então; as reiteradas solicitações de ilustração de datas e temas considerados sérios ou mesmo de festividades, acarretavam um grau de descontentamento e uma falta de sentido na sucessão de atividades que pautavam a prática.

Associava-se o fato de que no período de redemocratização do país reverberava o pensamento de Paulo Freire, até a década anterior proscrito pelo regime militar. Se a partir da década de 80, os aspectos qualitativos da educação começaram a merecer maior atenção, sendo reconhecida a urgência de investir para que a escola preparasse e instrumentalizasse crianças e jovens tanto para o mundo do trabalho, com suas exigências tecnológicas, quanto para o processo democrático, dando acesso à uma educação de qualidade e a novas possibilidades

de participação social. Entretanto, carecíamos de um norte para o ensino da Arte. Nesse sentido, a Abordagem Triangular mapeou um caminho rico e plural, enriquecedor tanto da aprendizagem dos alunos como do próprio repertório dos professores, o que vai ser reiterado por todas as pessoas que aqui se manifestaram.

O conhecimento crítico da realidade é fundamental para a construção da consciência de mundo, como nos ensinou Paulo Freire, de identidade e transformação social, pela participação política dos indivíduos. Na perspectiva contemporânea da educação, as diferentes manifestações da cultura são elementos obrigatórios na construção dos currículos escolares, uma vez que representam um aspecto relevante e rico da realidade social. Embora haja uma aceitação discursiva deste pressuposto, na prática as manifestações da cultura eram consideradas exacerbadamente exclusivas, signos da elite, produzidas e fruídas apenas por certas pessoas com determinadas habilidades. A cultura aparece na educação como uma mera informação e, na nossa realidade, geralmente de maneira indireta, afastada da vida dos professores e alunos. Este foi um aspecto fulcral impulsionado pela Abordagem Triangular e pelo Grupo de Reflexão, o que também se repete nas manifestações das professoras.

Para Maria Eugênia Marques³, a participação desde o início, na Pesquisa, nos Seminários Arte na Escola e depois nos encontros do Grupo de Reflexão:

[...] direcionou e deu novo sentido ao meu trabalho, ampliou nosso olhar, uniu as professoras. O trabalho na escola é normalmente solitário, não tínhamos essa prática de formar grupos de estudo continuado. Então, tudo era um desafio - trabalhar em grupo, estudar os textos que recebíamos, pesquisar e relacionar conteúdos, sistematizar o conhecimento, os resultados, registrar nossa prática cotidiana, trocar ideias e materiais. Voltamos a estudar para ministrar oficinas para os colegas da rede ou para a produção dos recursos didáticos que usamos. Considerando que, na época, não tínhamos materiais de apoio nem acesso às tecnologias atuais, usar as imagens fixas de forma permanente em sala de aula transformou o trabalho. Já tendo montado uma sala de Artes na escola, o espaço foi enriquecido com TV, vídeo, uma pequena biblioteca com vários livros de arte que comprei, uma Hemeroteca com reportagens, documentários em vídeo. Passei a fazer Mostras Visuais na escola, Arte Africana, Arte indígena, Arte Oriental, Dia da Mulher... tudo era motivo para mostrar a importância da imagem na educação.

Refletindo sobre esse tempo, vejo que o projeto me afastou de práticas que fazia, focadas mais no sentir. Eu tinha muita identidade com propostas que incluíssem a sensibilização, introspecção, a meditação, como Lais Aderne apresentou no primeiro Seminário Arte na

Escola, uma abordagem mais filosófica, mais espiritualizada. Arte também é sentir e a Metodologia Triangular enfatizava muito o conhecimento. Penso que teria sido bem útil aprender durante a graduação toda essa perspectiva de trabalho, registrando o que eu já fazia, organizando melhor, escrevendo sobre os processos.

Com a continuidade do Grupo de Reflexão, realizamos exposições, nossa produção tornou-se referência no município. Passei a incluir temas transversais, abordando a problemática ambiental, a alimentação, sempre lembrando a orientação do Prof. Fernando Hernández, quando perguntei como fazer - vá pesquisar, professora!

A pesquisa tornou-se parte integrante da disciplina de Educação Artística. Oferecer materiais qualificados para os alunos estudarem também fez toda diferença. Por exemplo, o tema "O que é que tem nessa cabeça"? Uma proposta de chapéus em papel machê, técnica com que trabalhei por muito tempo. A proposta consistia em pesquisar um artista ou grupo cultural, explorar visualmente sua produção e criar um chapéu, ajustável à cabeça do aluno, a partir dos referenciais do artista ou da cultura escolhida). Lembro do aluno que fez um chapéu com o cachimbo do Magritte. Fez questão de ler o livro inteiro - e percebeu que céu e as nuvens eram referências fortes na obra deste artista.

Escolheu o cachimbo para fazer seu chapéu, virado para encaixar na cabeça. Disse que queria pintar as nuvens no interior do chapéu. A pintura era difícil, estava dando muito trabalho e, pensando do ponto de vista prático, eu disse que por dentro não ia aparecer. Ele respondeu: - não professora, é que eu gosto da ideia, que todo mundo diz que eu tenho a cabeça nas nuvens! - Eu ame! Então quando ele escreveu, isso não é um chapéu, ele sabia o que estava dizendo. Pensar naquele aluno, lá "de uma boca braba da Restinga"⁴, todo orgulhoso desfilando com seu chapéu, foi algo!! Chegavam a me devolver os trabalhos para que eu os guardasse, pois não queriam jogar no lixo e em casa não tinham onde colocar.

Eu descobri um outro mundo! As aulas com Analice⁵, sobre as etapas do desenvolvimento escultórico, por exemplo. Eu não tinha nem ideia! A questão da Arte Africana... eles fizeram Mancalas que podiam jogar...

Tenho saudades daquele grupo, daquelas formações, como era rico! A gente nunca teve espaços assim nas Escolas. Aquele formato de Educação Continuada deveria continuar.

Para Célia Von Mengden Meirelles⁶, que não participou da pesquisa inicial anteriormente citada,

[...] participar do Grupo de Reflexão do Projeto Arte na Escola - Polo UFRGS foi de grande importância como arte-educadora. A dinâmica desse grupo de reflexão consistia em reuniões semanais, nas quais inúmeros textos a respeito de Arte e de Educação eram discutidos, planejamentos eram analisados e criticados, relatos apresentados para intervenção coletiva. Uma lição que ficou foi a importância do professor considerar a sua atuação em sala de aula como fonte de pesquisa. Até então, o trabalho era apenas comentado com colegas mais próximas, já que a escola não proporcionava espaços de discussão. No Grupo de Reflexão, entretanto, o papel da Supervisão foi decisivo para uma tomada de consciência que permitiu modificar a relação com a escola. Antes do Projeto, as questões com a instituição resumiam-se a lutar por espaço físico e materiais diversificados. O contato com uma supervisão externa fez reavaliar valores, fazeres, crenças, processos e entendimento, provocando mudanças inevitáveis na visão dos diversos papéis desempenhados na escola.

Foi também esse projeto que possibilitou o acesso à obra de Ana Mae Barbosa, Fernando Hernández, Elliot Eisner, Brent Wilson e tantos outros.

É importante destacar que, por trabalhar há anos na mesma escola, se adquire um certo conhecimento da comunidade. Agregando as observações realizadas nesse período ao embasamento obtido na experiência do Arte na Escola e em atividades posteriores a este, é que foi possível imaginar, propor, planejar e executar diferentes projetos.

Apesar da resistência da Escola em coordenar um trabalho conjunto com todos os professores durante o último ciclo do Ensino Fundamental, relata a professora, ela fez um projeto de três anos com a mesma turma, registrando sempre as propostas e conexões realizadas. *Eles passaram a valorizar manifestações de diversas culturas, chamando atenção num passeio, por exemplo, para uma vitrine com objetos da cultura indígena, o que me deixou emocionada,* fala a professora.

Para Rejane Reckziegel Ledur⁷, houve muitos momentos marcantes.

Uma foi a primeira vez em que dei uma oficina, como ministrante. Eu dei sobre Amílcar de Castro. Eu era uma guria nova, recém graduada e fui incentivada a dar a oficina, com o apoio de um vídeo. A gente se colocava neste lugar, de ministrar uma oficina. A outra, eu estava grávida, e tu fizeste uma oficina com comida, com criação a partir de frutas, algo muito inusitado para mim. A proposta era muito contemporânea e eu estava muito naquela situação de nutrir o corpo e ficava difícil pensar o alimento como material de criação em arte, era muito transgressor pela concepção de material que tínhamos na época. Lembro também da insistente pergunta, “mas porque vocês fazem releitura”? E as gurias respondendo que era legal porque as crianças se sentiam artistas, faziam coisas interessantes. E foi no grupo que a gente foi amadurecendo a intencionalidade pedagógica das proposições que fazíamos na sala de aula, pensando que não era fazer cópia, que tinha que contextualizar a atividade. Porque a gente trazia as questões da prática e de pesquisa para o grupo, discutia o que estava fazendo.

Célia destaca a liberdade das professoras criarem suas próprias propostas, mesmo quando estavam trabalhando um mesmo tema, conjuntamente, “a gente não tinha uma receita, ...a gente fazia viagens loucas... Eu (Célia), por exemplo, trabalhei com eles América Latina. Entrou os maias, os incas e depois Frida Khalo e Vick Muniz. A parte da cor a gente trabalhou com merengue. Eu levei umas bacias de merengue branco, e eles fizeram cores com anilinas e foram decorando uns cupcakes. Acho que a gente foi pegando a coisa como um leque amplo, que arte não é só ali trabalhar com a tinta, que é vivência, como é que ela aparece no dia a dia. Para mim foi uma coisa importantíssima.

A ampliação do conceito de currículo para além dos muros da escola teria iniciado na década de trinta, situa Moreira (2001), quando Caswell definiu currículo como “ambiente em ação”, possibilitando o reconhecimento da importância de elementos extraescolares na constituição da identidade dos estudantes. Tal alargamento das possibilidades curriculares acrescentou dificuldades para os

professores, destacadamente na tentativa de responder às questões tradicionais:

a) o que deve ser ensinado? b) como vou organizar o currículo?

Autores como Apple (2000), Giroux (1997) e Feldman (apud MOREIRA, 2001) apontam a importância da discussão teórica sobre currículo, mas salientam que as dificuldades somente podem ser superadas praticamente, “pois, sem preocupação maior com a prática pedagógica, gera-se um fechamento no discurso, já que um projeto cultural demanda, para concretizar-se, adequados dispositivos técnicos” (MOREIRA, 2001, p.44⁸).

A prática é, portanto, condição essencial para a pesquisa e a inovação em educação, mas não pode consistir em mera aplicação de estratégias e procedimentos prescritos, fruto de escolhas, elaborações e intenções alheias às professoras, desconsiderando-as como capazes de realizar opções a partir de suas próprias consciências ou de criar alternativas didáticas com identidade própria e pertinência em relação aos seus alunos, isto é, de exercerem suas consciências críticas.

A pergunta, o que é que os alunos aprenderam com essa atividade foi o estalo. Se nas demais disciplinas, o professor pensa inicialmente no que vai ensinar, o professor de Arte se organizava a partir do que iria fazer.

Para mim, fala Rejane, foi a grande contribuição da Abordagem Triangular... Foi sair daquele lugar de pensar o que eu vou fazer. ... Era a ideia de pensar a atividade, mas a partir do que os alunos iriam aprender, pensar a arte enquanto conhecimento. Não era mais uma sequência de técnicas, trabalhos... Não que a gente deixasse ‘o fazer’ de lado, pois a abordagem trouxe ‘o fazer, a leitura e a contextualização’. Era saber o porquê das escolhas, tinha que ter um sentido, para aquele aluno e para aquele professor. E aí apareceram coisas muito novas para nós naquela época. Como a questão de trabalhar com a Cultura Indígena, a Cultura Popular, a Arte Africana. Isso está se discutindo hoje. Naquele tempo não havia ainda a Lei 10639/2003. Era algo de vanguarda, avançado mesmo.

Célia conta então a sua estratégia de comprar bonequinhos e bonequinhos para os alunos usarem como suporte e criarem pinturas corporais; depois a confecção de objetos com papel machê e temática indígena, extremamente bem recebidas pelos alunos. O trabalho incluía ampla pesquisa sobre os grupos

indígenas a seus diferentes grafismos, utilizando como fonte o livro da Lux Vidal, *Grafismo Indígena*; sobre a comida indígena, sobre a situação atual do índio.

Outro aspecto destacado como herança daquele grupo, foi a importância do registro das atividades e fontes de pesquisa, tanto pelos professores quanto pelos alunos. *Foi fundamental*, como apontam Célia, Rejane e Maria Eugênia. *Até o uso do computador foi introduzido naquele grupo. E a prática do registro já constituía uma reflexão por parte de quem o fazia.*

Existia uma vontade de melhorar a docência e a troca entre os participantes, sem disputa, sem concorrência e sem melindres foi essencial. Aliado a este aspecto, a ampliação do repertório das participantes foi muito significativa. Num primeiro momento tanto a videoteca quanto o próprio grupo transitavam sobre artistas consagrados. A arte popular foi se imiscuindo paulatinamente nas propostas. Difundi-se no grupo o entendimento de que as crianças das camadas mais privilegiadas possuíam alternativas de aproximação com a arte culta, embora isso não acontecesse no espaço escolar; entretanto para as crianças das camadas populares a escola era a alternativa possível de adentrar este terreno. Assim, transitar entre os diferentes mundos da cultura, sem negar a arte erudita ou a arte popular, cujo acesso era um direito de todos, tornou-se a convicção crescente do grupo, como é possível perceber nos diferentes depoimentos.

Marília Fernandes⁹, assim se refere ao período:

Eu lembro como se fosse hoje do meu entusiasmo em fazer parte dos encontros do Arte na Escola na UFRGS e dos primeiros estudos da Abordagem Triangular. O ato de aprender sempre me atraiu. E eram novas pessoas, novos autores, novos livros, textos, imagens, leituras, palestras, seminários, conversas e muitas anotações. Anotações que depois ganhavam corpo nutrindo os projetos que com a Beth aprendemos a escrever, realizar, documentar e relatar. Entendemos que “Contextualização – Produção – Fruição” não era uma receita e sim, possibilidades que nos permitiam novas escolhas. Também aprendi a escolher e a aproximar as minhas ideias da minha realidade escolar, nem sempre foi fácil porque o novo as vezes pode parecer assustador. (Pois então, até hoje penso como é que equipes diretivas sendo também formadas por educadores possam por vezes oferecer resistência diante o novo? Mas isso é outra conversa.)

Aos poucos a Abordagem Triangular foi incorporada ao meu jeito de pensar as aulas tornando-as mais criativas, instigantes e consistentes. Com a ajuda de vídeos – VHS do Arte

na Escola, livros de Arte, recortes e visitas a exposições as ideias borbulhavam ainda mais e assim eu e os alunos ampliávamos nosso repertório não só imagético, mas também de sensibilidades diante da vida e da Arte. Nesse movimento de diálogo entre saberes tanto o ensino da Arte como a minha prática de arte-educadora ganharam espaço e reconhecimento dentro e fora da escola EMEF Arthur Pereira de Vargas, em Canoas.

E sobre esse reconhecimento, tive a honra de ser premiada por duas vezes com o Prêmio Arte na Escola Cidadã e, também, com o Prêmio Educador Nota 10 da Fundação Civita e hoje olhando para trás percebo que comecei a conquistar esse lugar no momento em que eu disse sim ao convite da Rejane R. Ledur para ir a uma Reunião do Arte na Escola, em 1992.

E para finalizar quero citar o acolhimento e a generosidade da supervisão do grupo, sem a qual a minha trajetória não teria sido a mesma.

Além de Prêmios Arte na Escola, que também distinguiu o trabalho conjunto das Professora Célia, Eliane e Eugênia; do Professora Nota 10, da Marília, cabe ressaltar o Prêmio Educação para a Igualdade Racial, obtido pela professora Célia com seu projeto O bom do Brasil que veio da África.

Discursivamente, ninguém duvida da importância da área de conhecimento abrangente que constitui a Arte. Mas na realidade escolar é frequente a opinião de que a Arte e o seu conhecimento são coisas supérfluas, próprias da elite, um acessório para quem não tem coisas sérias como preocupação. A Arte seria, deste ponto de vista, um luxo existente para fruição daqueles que, já tendo resolvido as questões “importantes”, podem a isso se dedicar. Na educação formal, a preocupação está centrada nos conhecimentos considerados “básicos”: ler, escrever e contar. Mas ler e escrever o quê? Isto não é perguntado, como tampouco é considerado que Arte é linguagem e, como tal, exige leitura, escrita e interpretação, como nos ensinou, sabiamente Ana Mae Barbosa.

A Arte é um dos aspectos essenciais da cultura e da própria vida, está presente no cotidiano de todas as pessoas, independentemente do local e tipo de moradia, do nível econômico ou escolaridade. Todos os indivíduos convivem diretamente com inúmeras manifestações e aplicações da Arte, tanto nas suas formas ditas populares quanto nas consideradas eruditas. Portanto, como um elemento da realidade e da produção social, ela deve constar dos currículos escolares. Mais ainda, se entendemos que o acesso aos bens materiais é um direito do cidadão, socializar os bens culturais integra a construção da cidadania e, também, é, ou deveria ser, direito de cada um e de todos, como ficou evidente nas falas das professoras. Se a Arte, em suas diferentes linguagens, acompanhou a

humanidade desde os tempos anteriores aos registros escritos da história, por que hoje seria um privilégio de parcelas exclusivas da população? Por que a Arte consagrada, que fica protegida nos “templos modernos, que são as instituições bancárias”, ou nos museus e salas de espetáculo, deve permanecer excluída do convívio da grande massa, restrita à poucos? Por que a Arte popular, veiculada pela mídia, deve ser consumida automaticamente, sem problematização e leitura crítica?

Os anos noventa foram assolados por renovações tanto no que se relaciona ao entendimento do que seja trabalhar Arte na escola quanto à relevância desta como área de conhecimento. O grupo fundamentou suas práticas na perspectiva contemporânea da educação, onde as diferentes manifestações da cultura são elementos obrigatórios na construção dos currículos escolares, uma vez que representam um aspecto importante e rico da realidade social. O conhecimento crítico desta realidade é fundamental para a construção da consciência de mundo, de identidade e de transformação social, pela participação política dos indivíduos.

Embora, na prática, determinadas manifestações da cultura sejam consideradas exacerbadamente exclusivas, signo da elite, produzidas e fruídas apenas por certas pessoas com determinadas habilidades, elas passaram, paulatinamente a integrar os espaços e currículos escolares. Incluindo a periferia da cidade, como pudemos constatar.

Práticas em que o conhecimento e a vivência da arte são centrais atingiram parcelas da população usualmente espoliadas destes conhecimentos ou do acesso às vivências elaboradas da cultura, começaram a se tornar mais frequentes e foram o foco das participantes do Grupo de Reflexão. Continuaram sendo até o final das atividades docentes das professoras. Simultaneamente encontramos experiências que objetivam ampliar o repertório plástico-visual e o universo cultural dos sujeitos direta e indiretamente envolvidos no processo (alunos e pais), participando de maneira positiva na formação de público, sem o qual o fenômeno artístico não se completa. Pode-se afirmar que são práticas que objetivam “a inclusão cultural” por

meio de ações orientadas pela escola. As professoras do Grupo de Reflexão do Projeto Arte na Escola- Polo UFRGS reconhecem ainda hoje que conseguiram superar incontáveis desafios e dificuldades para desenvolver um qualificado trabalho de ensino da Arte, como os depoimentos aqui presentes revelam.

Notas

- ¹ Eliane Stahlberg, na época Wolffenbuttel, Licenciada em Educação Artística, professora aposentada; trabalhou na Escola Municipal de Ensino Fundamental Ildo Meneghetti e na Escola Municipal de Ensino Fundamental Sain Hilaire.
- ² Metodologia Triangular foi a designação primeira da Abordagem Triangular, assim chamada por Ana Mae Barbosa na 1ª edição de seu livro *A imagem no Ensino da Arte*, que norteava aquela pesquisa inicial.
- ³ Maria Eugênia Marques. Licenciada em Educação Artística, professora aposentada, trabalhou 25 anos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador Alberto Pasqualini, Porto Alegre.
- ⁴ Restinga é um Bairro periférico de Porto Alegre, surgindo da década de 1960. A cidade, ao tempo em que mostrava um rápido processo de urbanização, tinha graves problemas de infraestrutura na área habitacional. Para reorganizar o espaço, foi criado o DEMHAB – Departamento Municipal de Habitação, em 1965, cuja prioridade era buscar alternativas para regiões alagadiças da cidade, de grande insalubridade para as populações ali residentes. Assim, moradores das Vilas Theodora, Marítimos, Ilhota e Santa Luzia foram removidos, a partir de 1966, para a Vila Restinga Velha. Em função da inexistência de infraestrutura – esgotos a céu aberto, falta de calçamento, moradias precárias -, o que se verificou foi a reprodução de um espaço em um novo lugar: falta de condições mínimas, bem como ocupação de áreas de risco junto à encosta do morro São Pedro. Paralelo às casas, havia o projeto de implantação do Distrito Industrial, que criaria um espaço de absorção da grande mão-de-obra que para ali se mudava. Entretanto, o projeto nunca saiu totalmente do papel. A Restinga conta hoje com um contingente populacional três vezes maior do que aquele pensado inicialmente.
- ⁵ A professora se refere a Analice Pillar, na etapa de realização da pesquisa sobre o uso do vídeo.
- ⁶ Célia Von Mengden Meirelles. Licenciada em Educação Artística, professora aposentada; trabalhou na Escola Municipal de Ensino Fundamental Ildo Meneghetti por 25 anos.
- ⁷ Rejane Reckziegel Ledur, Licenciada em Educação Artística, professora aposentada. Foi assessora pedagógica da Secretaria de Educação de Canoas, RS, onde coordenou um Polo Municipal do Projeto Arte na Escola por mais de 15 anos. Posteriormente, desenvolveu pesquisas de Mestrado e Doutorado em Educação a partir das problematizações advindas da experiência de formação continuada do projeto.
- ⁸ Antônio Flavio Barbosa Moreira. Currículo, Cultura e Formação de Professores. *Educar*, Curitiba, n. 17, p. 39-52. 2001.
- ⁹ Marília Fernandes. Licenciada em Educação artística, professora aposentada. Trabalhou 25 anos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Arthur Pereira de Vargas, em Canoas, município da Região Metropolitana de Porto Alegre.

Referências

- APPLE, Michael W. *Política cultural e educação*. São Paulo: Cortez, 2000.
- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FELDMAN, K. In: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo, cultura e formação de professores. *Educar*, Curitiba, n. 17, p. 39-52. 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GIROUX, Henri. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997
- MARX, Karl. *Para a crítica da economia política: salário, preço e lucro*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- PILLAR, Analice Dutra; VIEIRA, Denyse Maria Alcalde. *O vídeo e a Metodologia Triangular no ensino da arte*. Porto Alegre: Fundação Iochpe/FNDE, 1992.

Elizabeth Milititsky Aguiar

Possui graduação em Licenciatura Plena Em Desenho e Plástica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1977), graduação em Licenciatura Plena Em Educação Artística Habilitação Artes, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1980), graduação em Licenciatura Curta Em Artes Industriais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1976), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1990) e doutorado em Artes pela Universidade de São Paulo (2002). Atualmente é aposentada. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Formação de Professores, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de artes, arte-educação, formação de professores, educação artística e fundamentos e crítica da arte.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9816-6356>

E-mail: elizabeth@ez-poa.com.br

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0236847335771945>

Recebido em 02 de julho de 2022

Aceito em 26 de julho de 2022

